

A IMPORTÂNCIA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

O impacto da arquitetura em espaços públicos

Victória Aparecida Moraes*

Prof. Orientador: Victor Hugo Godoy do Nascimento**

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal destacar a importância dos espaços públicos, assim como a necessidade premente de sua manutenção e cuidado. Para isso, o texto apresenta um estudo abrangente sobre a história desses locais, abordando também aspectos gerais da cidade de Juiz de Fora. Em particular, o trabalho se debruça sobre a Praça da República, detalhando suas características e singularidades, uma vez que este foi o local selecionado para uma intervenção projetual, explicando seu valor histórico, destacando-se pela presença do Marco Centenário, monumento que não apenas enriquece a praça com seu significado histórico, mas também simboliza a memória coletiva da cidade.

Palavras-chave: Espaços públicos, Praça da República, Juiz de Fora, Marco Centenário

RESUMO

The present thesis aims to highlight the importance of public spaces as well as the urgent need for their maintenance and care. To this end, the text presents a comprehensive study on the history of these places, also addressing general aspects of the city of Juiz de Fora. In particular, the work focuses on Praça da República, detailing its characteristics and uniqueness, since this was the location selected for a project intervention. The study explains its historical value, emphasizing the presence of the Centenary Landmark, a monument that not only enriches the square with its historical significance but also symbolizes the collective memory of the city.

Keywords: Public spaces, Praça da República, Juiz de Fora, Centenary Landmark

* Discente do 9º período do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Doctum de Juiz de Fora – E-mail: victoriaaparecidamoraissjf@gmail.com

** Orientador e professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Doctum de Juiz de Fora – E-mail: prof.victor.nascimento@doctum.edu.br

1. Introdução

Os espaços públicos podem ser caracterizados como o coração da vida urbana, servindo como importantes e cruciais pontos de encontro onde as comunidades convergem, interagem e prosperam. Sendo eles praças movimentadas ou parques calmos e serenos, desempenham importantes papéis na formação social, cultural e na dinâmica de um bairro e comunidade, interferindo também no conforto térmico e sustentável de um bairro, além da possibilidade de uma revitalização econômica no meio inserido.

A comunicação e coesão social estão atreladas à importância de um bom espaço público. Seja através de encontros casuais em uma praça de bairro ou eventos organizados pela comunidade, é de extrema importância um ambiente bom e agradável. Principalmente levando em conta a expansão dos meios de comunicação e tecnologia que, em seu ponto negativo, colaborou para a diminuição do apreço para com o espaço público.

O design e a acessibilidade dos espaços públicos têm um impacto significativo tanto no objetivo de atrair os residentes do bairro quanto no bem-estar físico e mental dos moradores que os frequentam.

Atualmente, na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, os parques e praças se encontram com um design genérico, monótono e simples que contribui para a ausência do público-alvo e dos residentes, aumentando a insegurança e criminalidade no ambiente.

Será realizado como metodologia, uma etapa de entrevistas que será dividida em dois questionários, um voltado para aqueles que frequentam o local de intervenção e que moram ou trabalham nos arredores e outro voltado para as pessoas em geral, buscando saber suas opiniões positivas e negativas sobre o espaço público.

1.1. Objetivo geral

Realizar um estudo aprofundado sobre os benefícios dos espaços públicos para o bom desenvolvimento do projeto de requalificação do mesmo. Executar entrevistas para que esteja claro a opinião pública sobre o que pode ser feito para a melhoria dos espaços urbanos para fundamentar o projeto de requalificação da praça.

1.2. Objetivo específicos

- Pesquisar e definir termos como coesão social, revitalização econômica e acessibilidade urbana.
- Fazer um estudo aprofundado de vegetação usada em espaços públicos e quais se encaixam melhor no ambiente proposto.
- Estudar possibilidades de design e projetos inovadores para espaços públicos, examinar estudos de casos existentes, o espaço escolhido para a requalificação e o entorno do local.
- Compreender do ponto de vista público os benefícios, qualidades e defeitos do espaço público.

1.3. Justificativa

Muitos espaços públicos nas cidades atualmente vêm enfrentando diversos problemas, alguns deles com soluções projetuais válidas e viáveis:

- Falta de conservação e manutenção de mobiliários, ambiente e equipamentos;
- Falta de segurança em locais abertos e, às vezes, isolados;
- Ausência de atrativos e atividades nos espaços;
- Ambientes hostis e pouco acolhedores.

O local de projeto foi escolhido justamente por apresentar tais defeitos, mas, além disso, foi escolhido por apresentar uma capacidade significativa de melhora tanto do ambiente como para o entorno em que se encontra.

Um espaço urbano de qualidade desempenha um papel fundamental em incentivar as pessoas a saírem de casa, se desconectar das redes sociais e desfrutarem momentos de lazer, interação social e contato com a natureza.

1.4. Metodologia

Este artigo tem como metodologia principal baseada em entrevistas ao público alvo: moradores, transeuntes, comerciantes, etc. Pessoas que frequentemente estão presentes nos espaço sociais e podem contribuir com críticas construtivas, histórias de encontros ou reuniões no meio urbano.

2. História

A história dos espaços públicos, como praças e parques, remonta à antiguidade, refletindo a evolução das sociedades e suas necessidades ao longo dos séculos. As praças e parques têm origens diversas e significativas em diferentes culturas, desempenhando papel central na vida social, política e cultural das comunidades.

Uma praça de tipo correto, como dizia Camillo Sitte, libertaria a alma do homem moderno da maldição da solidão urbana e do medo do vazio imenso e trepidante. O espaço anônimo, graças à delimitação de uma área de praça, tem o poder de converter-se num cenário de infinita riqueza urbana. (LIMA, 2000, p.97)

Na Antiguidade Clássica, as praças, conhecidas como ágoras na Grécia e fóruns em Roma, eram centros vitais das cidades. A ágora grega era um espaço multifuncional onde se realizavam atividades comerciais, políticas e sociais. Cidadãos se reuniam para discutir assuntos públicos, participar de debates filosóficos e assistir a espetáculos. Da mesma forma, o fórum romano servia como núcleo da vida pública, abrigando mercados, templos e tribunais, e sendo palco de importantes eventos políticos e sociais.

Durante a Idade Média, as praças continuaram a ser espaços centrais nas cidades europeias, frequentemente localizadas ao lado de igrejas e mercados. Esses locais serviam como centros de comércio, celebrações religiosas e eventos comunitários. As praças medievais eram essenciais para a coesão social, proporcionando um espaço para interações diárias e festividades.

O conceito de parques públicos ganhou força no século XIX, durante a Revolução Industrial. Com o rápido crescimento das cidades e a industrialização, surgiram preocupações com as condições de vida urbana, incluindo a falta de espaços verdes e a necessidade de áreas para recreação. Os parques foram criados como um antídoto para os problemas urbanos, proporcionando um refúgio da agitação e poluição das cidades industriais. Exemplos notáveis incluem o Central Park em Nova York, projetado por Frederick Law Olmsted e Calvert Vaux, que foi concebido para oferecer um espaço de descanso e recreação para todos os cidadãos, independentemente de sua classe social.

Comparando com os dias de hoje, as praças e parques continuam a ser componentes essenciais das cidades, mas sua função e design evoluíram para atender às necessidades contemporâneas. Atualmente, esses espaços são valorizados não

apenas por sua função recreativa, mas também por sua contribuição para a sustentabilidade urbana, promoção da saúde pública e fortalecimento do tecido social.

A acessibilidade, a inclusão e a preservação ambiental são considerações fundamentais no planejamento e requalificação desses espaços. Nesse contexto, conforme observado por Gehl em *A Vida Entre Edifícios: Usando o Espaço Público* (1971), ao se referir à transformação da cidade de Copenhague em 1962, “A crescente e intensificada utilização dos espaços públicos reflete as mudanças nas sociedades, com as oportunidades sociais e recreativas oferecidas nesses locais estando em maior demanda. Mais pessoas estão utilizando ativamente esses espaços, evidenciando uma significativa mudança de um uso passivo para um uso ativo” (GEHL, 1971, p.50). Assim, as praças e parques modernos não só oferecem locais de lazer, mas também são catalisadores de interação social e motores de bem-estar comunitário, refletindo um entendimento mais profundo de suas funções multifacetadas na vida urbana.

Os espaços públicos modernos frequentemente incorporam elementos de design sustentável, como sistemas de drenagem ecológica, jardins de chuva e o uso de plantas nativas. Além disso, são projetados para serem inclusivos, garantindo acessibilidade para pessoas com deficiência e criando áreas que atendam a diversas faixas etárias e interesses.

Em suma, a história dos espaços públicos reflete a evolução das necessidades e prioridades das sociedades humanas ao longo do tempo. Desde as ágoras e fóruns da antiguidade até os parques urbanos contemporâneos, esses espaços têm sido centrais para a vida comunitária, adaptando-se às mudanças sociais, econômicas e ambientais ao longo dos séculos. Hoje, mais do que nunca, a conservação e requalificação de praças e parques são cruciais para promover cidades mais saudáveis, sustentáveis e socialmente coesas.

2.1.2. Definição e conceito

Espaços públicos, como praças e parques, são áreas acessíveis a todas as pessoas, independentemente de sua idade, gênero, status socioeconômico ou origem. Eles são projetados para uso e benefício coletivo, proporcionando locais para recreação, interação social, eventos culturais e atividades comunitárias. A definição de espaços públicos vai além de meros locais físicos; eles representam um conceito fundamental de inclusão, acessibilidade e convivência social. Como Jan Gehl destaca em seu livro **Cidade para Pessoas** (1936), “...tanto o caráter quanto a gama da vida urbana são dramaticamente influenciados pela qualidade do espaço público.”(GEHL,

1936, p.22). Essa observação sublinha a importância desses locais na estrutura social e cultural das cidades.

Os espaços públicos têm uma longa história como pontos de encontro e interação social. Tradicionalmente, praças e parques serviam como centros de vida comunitária, onde cidadãos se reuniam para discutir questões políticas, realizar comércio, participar de festividades e simplesmente socializar. Esse papel central na vida urbana continua até hoje, com os espaços públicos desempenhando funções cruciais em áreas urbanas densamente povoadas.

O conceito de espaços públicos envolve a ideia de acessibilidade universal. Isso significa que qualquer pessoa pode poder usufruir desses espaços, sem barreiras físicas, econômicas ou sociais. Praças e parques bem projetados são inclusivos e oferecem facilidades para pessoas com deficiência, idosos, crianças e todos os outros membros da comunidade. Eles devem ser seguros, acolhedores e oferecer uma variedade de atividades e instalações que atendam às diversas necessidades e interesses da população.

O acesso a áreas verdes e a oportunidades para atividade física ao ar livre contribui para a saúde física e mental, ajudando a reduzir o estresse, a melhorar o humor e a aumentar a qualidade de vida. Praças e parques oferecem espaços para esportes, caminhadas, jogos e relaxamento, incentivando um estilo de vida ativo e saudável.

Além disso, os espaços públicos são essenciais para a sustentabilidade ambiental. Áreas verdes urbanas ajudam a mitigar os efeitos das mudanças climáticas, melhorando a qualidade do ar, reduzindo a poluição sonora e proporcionando habitats para a biodiversidade. Eles também desempenham um papel importante na gestão de águas pluviais e na redução do efeito de ilha de calor urbano.

Em resumo, espaços públicos como praças e parques são fundamentais para o bem-estar das cidades e de seus habitantes. Eles são locais de convivência, recreação, interação social e promoção da saúde. Sua acessibilidade universal, relevância econômica e importância ambiental reforçam a necessidade de investir na criação, manutenção e requalificação desses espaços, garantindo que continuem a servir como pilares da vida urbana contemporânea.

2.2. Fundamentações teóricas

O descaso com os espaços públicos nas cidades estão cada vez mais visíveis e sendo cada vez mais ignorados. Com enfoque na cidade de Juiz de Fora, várias praças e espaços urbanos estão caindo em desuso sem a manutenção adequada e sem atrativos ou eventos convidativos nos locais.

Imagem 01: Manchete em site de notícias sobre abandono das praças.



a inicial / Notícias / Cidade / **Demora em manutenção leva aspecto de abandono às praças da cidade**

Demora em manutenção leva aspecto de abandono às praças da cidade

Tribuna percorre sete praças da cidade após receber reclamações de leitores. A maioria tem baixa procura de moradores do entorno por causa da precariedade dos equipamentos

Fonte: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/08-02-2018/demora-em-manutencao-leva-aspecto-de-abandono-as-pracas-da-cidade.html> - Acesso em 12/04/2024

A negligência com a manutenção e conservação de espaços públicos resulta em uma deterioração visível e palpável desses locais. Equipamentos quebrados, bancos danificados, áreas verdes mal cuidadas e a presença de lixo e grafites degradam a experiência dos visitantes. Esse cenário de abandono transmite uma sensação de insegurança e negligência, afastando ainda mais os frequentadores. A percepção de insegurança é um fator crítico, pois espaços públicos mal conservados são vistos como menos seguros, o que pode aumentar a criminalidade.

Imagem 02: Manchete em site de notícias sobre monotonia dos espaços públicos.



cial / Notícias / Cidade / **Praças sem atrativos estão esvaziadas em Juiz de Fora**

Praças sem atrativos estão esvaziadas em Juiz de Fora

Tribuna percorre logradouros onde cenário é de mato alto, buracos, pisos desnivelados, parquinhos sem brinquedos e quadras sem manutenção

Fonte: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/26-03-2019/pracas-sem-atrativos-estao-esvaziadas-em-juiz-de-fora.html> - Acesso em 13/04/2024

O desuso de praças e parques tem impactos negativos na saúde pública. A falta de áreas acessíveis e bem cuidadas para atividades físicas ao ar livre limita as oportunidades para exercícios e recreação, contribuindo para o aumento do sedentarismo e dos problemas de saúde associados, como obesidade, doenças cardiovasculares e problemas de saúde mental. Espaços públicos desativados privam as comunidades de ambientes que promovem o bem-estar físico e mental, exacerbando os desafios de saúde urbana.

A negligência e o desuso de espaços públicos também têm repercussões econômicas. Áreas degradadas e pouco atraentes podem diminuir o valor das propriedades circundantes e desestimular o investimento e o desenvolvimento econômico local. Além disso, a falta de visitantes e atividades reduz o potencial econômico desses espaços, afetando negativamente os negócios locais que dependem do tráfego de pedestres e da vitalidade urbana.

Os motivos para o desuso são extensos, no entanto, as soluções para a falta de circulação e manutenção são múltiplas. Abaixo serão expostas diversas praças em situações críticas e perigosas com grande potencial de melhoria e manutenção.

Imagem 03: Praça Rafael Silva Cruz, bairro Nova Era, Juiz de Fora MG.



Fonte: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/08-02-2018/demora-em-manutencao-leva-aspecto-de-abandono-as-pracas-da-cidade.html> - Acesso em 08/05/2024

Foi relatado na notícia, que moradores da região de Nova Era preferem se deslocar até a praça CEU (localizada no bairro Benfica) do que fazer uso da praça.

A praça está abandonada, há sujeira por todo lado. A areia do parquinho está imunda. Falta uma barreira para que as crianças menores não caiam. Deveria ser uma área de lazer frequentada e cuidada por todos, mas não é!

Imagem 04: Praça Adalberto Landau, Bairro Industrial, Juiz de Fora MG.



Fonte: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/08-02-2018/demora-em-manutencao-leva-aspecto-de-abandono-as-pracas-da-cidade.html> - Acesso em 08/05/2024

Foi relatado na notícia que a Praça Adalberto já chegou a ficar semanas sem iluminação, e além da falta de manutenção com a vegetação local, há lixos e sujeiras espalhados em uma boa extensão do espaço.

Onde um dia existiu um balanço, há agora só o esqueleto da estrutura e, nela, um crânio de um animal. A mensagem deixada é simbólica porque mostra que a deterioração de algumas estruturas está diretamente relacionada à forma como as pessoas enxergam os espaços públicos.

Imagem 05: Praça Hamilton Alves da Costa, Bairro Santa Cândida, Juiz de Fora MG



Fonte: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/08-02-2018/demora-em-manutencao-leva-aspecto-de-abandono-as-pracas-da-cidade.html> - Acesso em 08/05/2024

De acordo com o artigo, logo na entrada da praça Hamilton, os degraus já se encontram deteriorados. É notável a presença de resíduos em diversos pontos, além da falta de cuidado e manutenção com a vegetação.

“Todo mundo sair para brincar como aconteceu hoje não é comum. Por conta de toda essa falta de estrutura, não nos sentimos seguros. Ficar aqui de noite, nem pensar. Nós já encontramos até cobra aqui. Não tem lata de lixo. O balanço é inseguro, e sabemos que as pessoas também destroem o espaço”, disse o adolescente Jonatha Franco Marcelino.

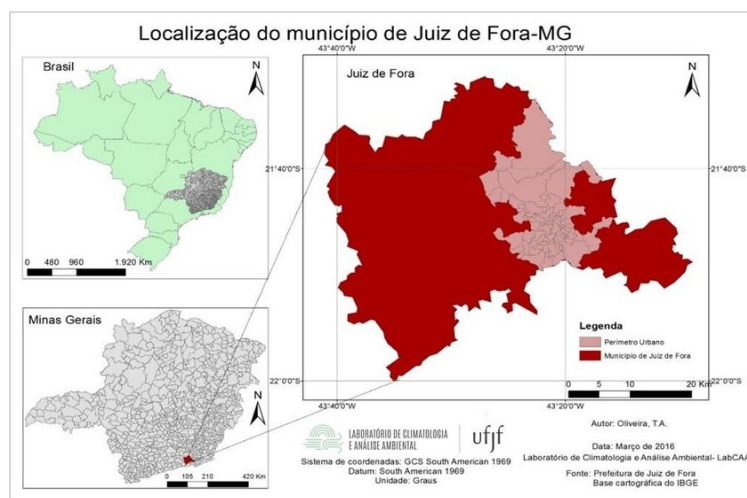
3. Localização

Juiz de Fora é uma cidade localizada no estado de Minas Gerais, Brasil. É a maior cidade da Zona da Mata Mineira e uma das mais importantes do estado. Conhecida por sua economia diversificada e forte influência cultural, Juiz de Fora também é notável por sua geografia variada e população dinâmica.

A tem uma população estimada em cerca de 580.000 habitantes, conforme dados recentes do IBGE. A cidade é caracterizada por uma população diversa, com uma mistura de imigrantes europeus, africanos e indígenas que contribuíram para a rica herança cultural da região. A população jovem e estudantil é significativa devido à presença de várias instituições de ensino superior, incluindo a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que atrai estudantes de todo o Brasil e até do exterior.

Apresenta áreas urbanas densamente povoadas e regiões mais suburbanas e rurais. A diversidade socioeconômica também é marcante, com bairros que variam de alto padrão a áreas com menor desenvolvimento econômico.

Imagem 06: Mapa de localização do município de Juiz de Fora-MG.



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-localizacao-do-municipio-de-Juiz-de-Fora-MG_fig1_339788981 - Acesso em 20/05/2024

Este nome tão característico - Juiz de Fora - gera muitas dúvidas quanto a sua origem. Na verdade, o Juiz de Fora era um magistrado, do tempo colonial, nomeado pela Coroa Portuguesa, para atuar onde não havia Juiz de Direito.

Alguns estudos indicam que um Juiz de Fora esteve de passagem na região e hospedou-se por algum tempo numa fazenda e que, mais tarde, próximo a ela, surgiria o povoado de Santo Antônio do Paraibuna.

3.1. História

Imagem 07: Foto histórica e antiga do centro de Juiz de Fora-MG.



Fonte: <https://www.pjf.mg.gov.br/cidade/historia.php> - Acesso em 20/05/202

Cerca de 1703, foi estabelecida uma rota denominada Caminho Novo. Esta via conectava a região mineradora ao Rio de Janeiro, facilitando o deslocamento do ouro extraído. Desta forma, a Coroa Portuguesa buscava impedir que o ouro fosse contrabandeado e transportado por rotas alternativas, sem o pagamento dos elevados impostos que eram postos sobre toda a extração.

3.2. Histórico cultural

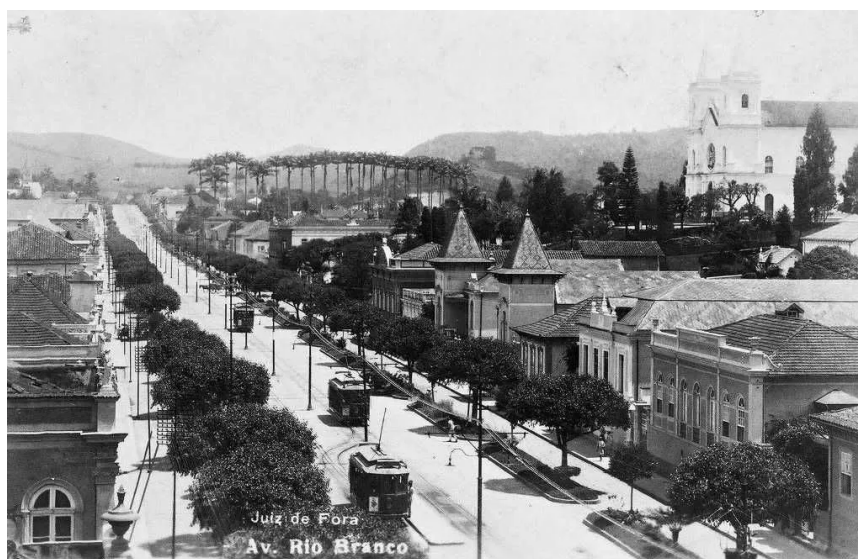
Juiz de Fora, com um estilo mais europeu do que colonial, é uma cidade do século XIX que sempre teve uma conexão próxima com o Rio de Janeiro. Diferente de outras partes de Minas Gerais que têm uma forte herança colonial, Juiz de Fora não seguiu essa mesma linha cultural. Seu crescimento industrial, impulsionado pela modernização capitalista, trouxe não só o barulho das fábricas e a luz elétrica, mas também um desejo de se modernizar nos moldes das cidades europeias. Seus teatros, cinemas e intensa atividade literária mostravam a vontade de criar uma nova imagem para a cidade, deixando para trás a tradição escravocrata.

Os estudos sobre a vida cultural de Juiz de Fora mostram que a cidade passou por várias fases nos últimos dois séculos. No começo, ela era uma cidade mais aberta e diversa. Estando longe dos centros barrocos e com uma economia próspera, Juiz de Fora atraía uma grande variedade de interesses. Católicos, protestantes, espíritas, maçons, liberais, republicanos e monarquistas viviam aqui. Apesar dos conflitos entre esses grupos, a cidade era receptiva ao debate de ideias.

3.2.1. Arquitetura eclética

O estilo eclético nas construções permite a mistura de diferentes estilos arquitetônicos do passado. Isso explica por que encontramos, na cidade, prédios que lembram castelos medievais, igrejas que imitam o estilo gótico europeu ou fachadas que se parecem com templos gregos. No final da primeira década do século XX, surgiram também construções no estilo Art Nouveau. Esse estilo é fácil de reconhecer por causa das decorações elaboradas nas fachadas das casas, com muitas linhas curvas que imitam fitas e flores. Essas construções mostram a habilidade dos trabalhadores da época e a riqueza dos moradores.

Imagem 08: Foto histórica e antiga do centro de Juiz de Fora-MG.



Fonte: <https://jornalopharol.com.br/2022/02/por-que-nao-em-juiz-de-fora-os-tardios-desdobramento-s-da-semana-de-1922-entre-nos/> - Acesso em 21/05/2022

3.2.2 Estilos Art Déco e Moderno

Durante esse período, o visual da cidade começou a mudar com a chegada do estilo Art Deco. No centro comercial, as construções ganharam formas mais simples e geométricas. Em vez de muitas decorações, as fachadas passaram a ter revestimentos de pó de pedra, geralmente em tons de cinza ou ferrugem.

A grande transformação na arquitetura de Juiz de Fora aconteceu depois do centenário da cidade. Nos anos 50, surgiram prédios modernos, com muito vidro, colunas e linhas retas. O foco passou a ser a funcionalidade dos edifícios para quem os usaria, mais do que a decoração das fachadas. Exemplos desse movimento são as obras do arquiteto Niemeyer, como o "Clube Juiz de Fora", e dos artistas Di Cavalcanti e Portinari, como o painel "As Quatro Estações". Esses nomes deixaram uma marca na cidade, inspirando artistas locais a adotarem um estilo moderno.

Imagem 09: Foto histórica e antiga do centro de Juiz de Fora-MG.



Fonte: <https://italostephanarquitecto.blogspot.com/2012/05/art-deco-em-juiz-de-fora.html> - Acesso em 20/05/202

A seguir será exibido alguns antes e depois de importantes pontos da cidade de Juiz de Fora.

Imagem 10: Foto histórica da antiga frente do Museu Mariano Procópio e da atual Juiz de Fora-MG.



Fonte: <https://procopao.com.br/blog/fotos-antigas-de-juiz-de-fora-5-antes-e-depois/> - Acesso em 23/05/202

Imagem 11: Vista panorâmica da antiga e atual de Juiz de Fora-MG.



Fonte: <https://procopao.com.br/blog/fotos-antigas-de-juiz-de-fora-5-antes-e-depois/> - Acesso em 23/05/202

No início, Juiz de Fora era uma cidade com muitos espaços abertos e áreas pouco ocupadas. As fotos antigas mostram vastos terrenos vazios e poucas construções esparsas. Com o passar do tempo, esses espaços começaram a ser preenchidos por novos edifícios, refletindo o desenvolvimento urbano e o crescimento populacional.

Cada nova construção adicionada ao horizonte da cidade indica um período de prosperidade e expansão. A arquitetura também evoluiu, passando de edifícios mais baixos e tradicionais para prédios mais altos e modernos. Esse processo de ocupação e verticalização pode ser claramente observado nas fotos panorâmicas, que capturam não apenas a densidade crescente da cidade, mas também a diversificação de suas construções.

Imagem 12: Hospital Santa Casa da Misericórdia antiga e atual de Juiz de Fora-MG.



Fonte: <https://procopao.com.br/blog/fotos-antigas-de-juiz-de-fora-5-antes-e-depois/> - Acesso em 23/05/202

A Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora, fundada em 6 de agosto de 1854, é uma das instituições mais antigas e importantes da cidade, superada apenas pela Vila de Santo Antônio do Paraibuna (1850) e pela Câmara Municipal (1853). Está situada na Avenida Rio Branco, no bairro Alto dos Passos, a Santa Casa tem sido um pilar na saúde de Juiz de Fora. Com o tempo, o hospital passou por grandes transformações, acompanhando o crescimento e a modernização da cidade.

Inicialmente, a Santa Casa começou como uma pequena instituição de caridade, atendendo os mais necessitados. Com o aumento da demanda por serviços de saúde, houve expansão, construção de novos prédios e aquisição de equipamentos modernos, tornando-se um hospital de referência na região.

Imagem 13: Vista panorâmica do parque Halfeld antigo e atual de Juiz de Fora-MG.



Fonte: <https://procopao.com.br/blog/fotos-antigas-de-juiz-de-fora-5-antes-e-depois/> - Acesso em 23/05/202

O Parque Halfeld, um marco histórico de Juiz de Fora, é frequentemente retratado em fotos antigas da cidade. Localizado no centro, tornou-se um ponto turístico popular, onde se encontram artistas de rua, vendedores de pipoca e picolé, mesas para jogos de tabuleiro, um parquinho para crianças e vários monumentos. Ao comparar fotos antigas com as atuais, percebemos mudanças significativas, especialmente na paisagem urbana e nos meios de transporte. Na primeira imagem, notamos a ausência de ônibus e um menor número de veículos, enquanto na imagem atual, vemos mais recursos para a locomoção, como faixas de pedestres e estacionamentos.,

Imagem 14: Vista da Praça da Estação antiga e atual de Juiz de Fora-MG.



Fonte: <https://procopao.com.br/blog/fotos-antigas-de-juiz-de-fora-5-antes-e-depois/> - Acesso em 23/05/202

A Praça da Estação, na verdade chamada Praça Doutor João Penido, recebeu seu nome em homenagem a um médico popular da cidade. No entanto, ela é mais conhecida por ter sido uma importante estação ferroviária no passado.

Ao longo dos anos, a praça manteve seu design original e os prédios ao redor foram preservados. Embora tenha passado por algumas reformas para conservação, sua preservação é significativa para que as novas gerações compreendam como era Juiz de Fora antigamente.

4. Local escolhido

Imagem 15: Praça da República Juiz de Fora-MG.



Fonte: Google Maps - Acesso em 23/05/202

A praça possui em torno de 4300 metros quadrados de área e em torno de 95% de áreas verdes no espaço. Além disso, está presente na praça o Marco Comemorativo tombado Centenário, um painel feito por Di Cavalcanti, é o primeiro mosaico modernista em praça pública no Brasil, apresenta a imagem de três homens puxando uma haste em forma de espiral simbolizando trabalho e revolução. O marco constitui-se, também, em um bem tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Apesar de sua importância, está deteriorado e com a placa de inauguração destruída.

A falta de cuidado com o monumento não é de hoje. Em 2014, o Ministério Público entrou com uma Ação Civil Pública contra a Prefeitura e a Funalfa. Algumas medidas foram tomadas, mas o local foi novamente abandonado. Recentemente, a Funalfa informou que o Marco do Centenário foi danificado por uma fogueira durante o inverno de 2020, possivelmente por pessoas em situação de rua. Comerciantes próximos à praça dizem que o monumento é usado por usuários de drogas e moradores de rua, causando problemas.

Apesar de ser protegido como patrimônio, o monumento está em péssimo estado, com pichações e infiltrações.

Imagem 16: Praça da República Juiz de Fora-MG.



Fonte: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2023/05/31/juiz-de-fora-comemora-173-anos-e-monumento-do-centenario-completa-mais-um-ano-de-abandono.ghtml> - Acesso em 24/05/2022

Imagem 17: Placa de inauguração do Marco Comemorativo do Centenário de Juiz de Fora está destruída — Foto: Fellype Alberto/g1.



Fonte: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2023/05/31/juiz-de-fora-comemora-173-anos-e-monumento-do-centenario-completa-mais-um-ano-de-abandono.ghtml> - Acesso em 24/05/202

Imagem 18: Marco Comemorativo do Centenário com painel destruído, lixo e fezes. — Foto: Fellype Alberto/g1



Fonte: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2023/05/31/juiz-de-fora-comemora-173-anos-e-monumento-do-centenario-completa-mais-um-ano-de-abandono.ghtml> - Acesso em 24/05/202

Apesar de se situar em uma área de grande circulação, a praça é muito pouco frequentada, sendo alvo de sem tetos e drogados, o que a torna muito insegura. O que deveria ser um local de conforto e socialização, infelizmente se tornou um atrativo apenas para os moradores de rua.

Imagem 19: Localização. — Foto: Fellype Alberto/g1



Fonte: <https://www2.ufjf.br/ambienteconstruido/wp-content/uploads/sites/152/2022/04/Virtus.Lab-Pra%C3%A7asJF2020-L-1.pdf> - Acesso em 24/05/202

O bairro onde a praça foi construída começou a crescer quando a Estrada União & Indústria foi feita. Antes disso, era uma área pouco usada, com pântanos até que o rio Paraibuna foi retificado em 1943. A falta de desenvolvimento também se deve à presença de coisas que não atraíam as pessoas, como depósitos de lixo, um matadouro e um abrigo para mendigos, agora chamado de Abrigo Santa Helena. Mesmo sendo a principal rota para a cidade, a área só começou a crescer quando a Companhia Pantaleone Arcuri comprou boa parte dela.

O primeiro projeto arquitetônico concebido por Arthur Arcuri em Juiz de Fora foi fundamental para o sucesso de sua carreira e para impulsionar melhorias no bairro Poço Rico. Tratava-se do novo matadouro municipal, construído em 1938 por iniciativa do prefeito Raphael Cirigliano. No mesmo ano, a prefeitura adquiriu um terreno de 4.621 metros quadrados, onde atualmente está localizada a Praça Pantaleone Arcuri, pelo valor de R\$60,000.000.

Segundo relatório da Prefeitura, de Raphael Cirigliano, de 1940, encontrado no Arquivo Histórico da Prefeitura de Juiz de Fora, os trabalhos de terraplanagem e plano de árvores no local foram iniciados ainda no final da década de 1930. Mas a praça só foi devidamente iluminada e ajardinada em 1940. Já em 15 de julho de 1940, técnicos da prefeitura solicitaram à Administração da E. F. Central do Brasil, o assentamento de manilhas para escoamento das águas servidas no novo trecho da rua Osório de Almeida (PJF, PROCESSO N° 126/1944). A partir de então, a área foi remodelada para que os sentidos do trânsito ficassem divididos por uma área residual que viria a se tornar a praça da República. (VIANA, 2017, p. 112-113)

4.1. História

O espaço da praça possuía feições ecléticas clássicas (Figura 20) que dialogavam com o estilo arquitetônico predominante naquele período e foi projetado pela engenheira civil e eletrotécnica Dulce Palmer, a primeira mulher formada com esse título pela Escola de Engenharia em Juiz de Fora no ano de 1938.

Imagem 20: Vista da Praça da República em 1940



Fonte: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/16005/1/kethelenpaulinnesdesouza.pdf> - Acesso em 14/04/2023

Imagem 21: Planta baixa da Praça da República



Fonte: Planta baixa da Praça da República na ocasião da modificação da nomenclatura do logradouro para Praça Pantaleone Arcuri, em 1968 (Fonte: Processo Administrativo de Tombamento da Prefeitura de Juiz de Fora nº 1369/99) - Acesso em 14/04/2023

A praça foi concluída em 1940 e permaneceu sem alterações até o centenário da cidade. Foi quando a Câmara Municipal decidiu construir o marco modernista de Arthur Arcuri para celebrar os cem anos do município, remodelando a área central para recebê-lo. No entanto, o marco não foi bem recebido por toda a população de Juiz de

Fora na época. Por substituir abruptamente o que estava estabelecido pela Lei Municipal nº 197, de 5 de novembro de 1949, causou certo descontentamento, inclusive sendo criticado pela mídia:

Esperava-se algo mais concreto. Nos moldes das decorações tradicionais de praças e parques, com direito a bustos, estátuas e coisas do gênero. Quando os operários terminaram o trabalho, muitos não compreenderam a dimensão abstrata da obra, sem as paredes monumentais de costume. (DISPLICÊNCIA, 17 maio 1950 apud VIANA, 2017, p. 121)

Apesar da instalação do monumento ter causado alguma comoção, não houve mudanças significativas na praça nem seu completo abandono. Três eventos urbanos foram cruciais para o esvaziamento da área: a remoção dos bondes em 1958, o asfaltamento da Rua Osório de Almeida em 1965 e a criação da Avenida Itamar Franco nos anos 70, que se tornou a principal rota para o Rio de Janeiro, deixando a praça vazia.

Por conta disso, o Marco do Centenário de Juiz de Fora, destinado a simbolizar o progresso, foi gradativamente descaracterizado e sujeito a atos de vandalismo, assim como a praça em si. O descaso com o espaço público e o monumento foi denunciado pelos meios de comunicação nos anos 90, levando à pressão popular para a proteção legal do monumento.

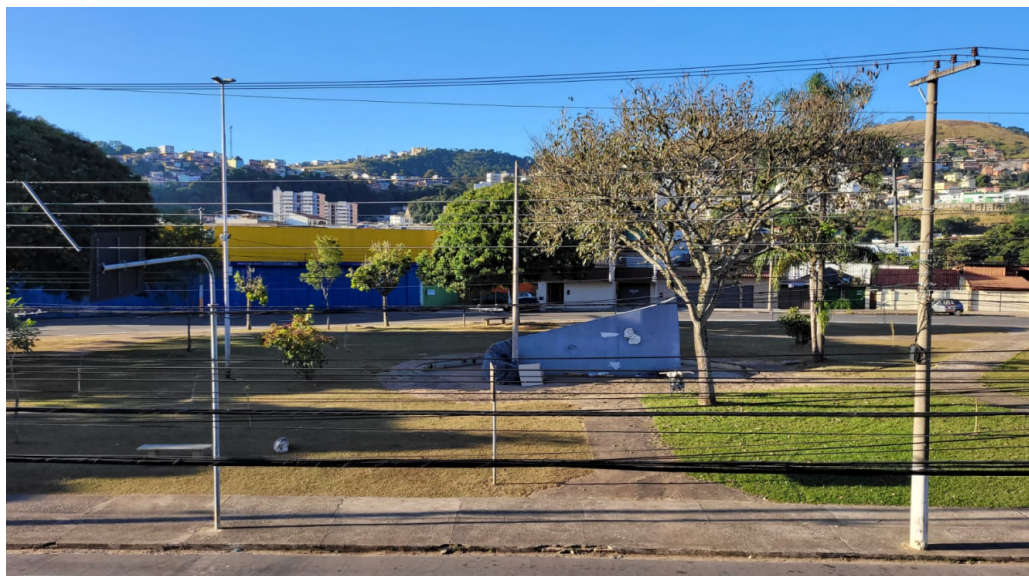
Essa pressão resultou no tombamento municipal em 1996 e no tombamento federal pelo IPHAN em 2001. Durante a restauração do monumento, a praça passou por uma reforma improvisada, mas desorganizada, resultando em perda da estrutura original. O problema do fluxo de pessoas não foi resolvido, levando ao rápido declínio do monumento e da praça, voltando ao estado inicial como uma área desvalorizada.

Imagem 22: Praça da República



Fonte: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/16005/1/kethelenpaulinnedesouza.pdf> - Acesso em 25/05/2024

Imagem 23: Vista da Praça da República tirada do Cemitério Municipal



Fonte: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/16005/1/kethelenpaulinnedesouza.pdf> - Acesso em 25/05/2024

Na década de 40, a ideia de construir a Praça era justamente para manter as residências por perto. No entanto, com o tempo, essas casas foram perdendo espaço ao redor da praça, o que mudou a relação delas com a rua. Das poucas que ainda restam, vemos muros cada vez mais altos. Além disso, foi construído um edifício residencial que, apesar de proporcionar vigilância ao espaço público, não garante o uso da Praça pelos moradores. Isso foi observado no Projeto de Restauração do Marco do Centenário, em 2010.

Um problema adicional é que a área mudou muito por causa da Rua Osório de Almeida, que virou uma via de passagem movimentada, com trânsito de moderado a intenso de carros, caminhões e muitos ônibus que ligam o centro aos bairros depois do Poço Rico. A Praça da República, que foi originalmente projetada para ser um espaço recreativo e tranquilo, hoje em dia não é usada para isso. Ela só é frequentada por pessoas de passagem que acabam usando o espaço de maneira prejudicial, afastando outras pessoas. Essas observações sobre o passado e o presente da praça são a base deste projeto de Revitalização, que visa criar novas possibilidades de uso e identidade para o espaço, para o bem tombado e para o bairro.

Como foi mencionado, diversos fatores históricos e sociais contribuíram para a desvalorização da área onde estão a Praça da República e o Cemitério Municipal. Além disso, muitas pessoas nem sabem que o Marco do Centenário da cidade está lá. Isso cria um desafio inicial de entender por que esse lugar não é reconhecido e não atrai as pessoas.

Para resolver esse problema, é importante olhar para além do monumento e analisar o ambiente ao redor. Entender o que está causando essa falta de identificação e por que as pessoas não se sentem atraídas por esse espaço público.

5. Diagnóstico de entorno

Imagem 24: Praça da República vista da Rua Osório de Almeida



Fonte: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/16005/1/kethelenpaulinnesdesouza.pdf> - Acesso em 25/05/2024

Imagem 25: Praça da República e ruas adjacentes



Fonte: Elaborado por Carolina de Lima Faria, estagiária de Arquitetura e Urbanismo, a partir do Google Earth Pro e Illustrator. Julho/2023. - Acesso em 25/05/2024

A Praça da República, em Juiz de Fora, está rodeada por um grande espaço livre chamado "conjunto paisagístico", que fica bem em frente ao Cemitério Municipal. Esse espaço público tem um impacto enorme na maneira como a região é usada e ocupada, além de influenciar como as pessoas interagem com o local e o percebem, incluindo a própria praça.

O caminho sem construções que leva do Centro ao Poço Rico, onde está o cemitério, é delimitado por um muro com dois acessos. Antigamente, esses acessos eram separados para católicos e não católicos. Como nenhum dos portões fica em frente à praça, isso cria um grande vazio urbano, onde quase ninguém circula a pé, o que dificulta a interação entre os dois espaços paisagísticos.

Imagem 26: Vista da Praça da República para o Cemitério Municipal



Fonte: A partir do Google Earth. - Acesso em 25/05/2024

Com o cemitério sendo a “paisagem” principal da praça, a falta de circulação de pessoas é um resultado negativo, já que a morte é um assunto sensível para a sociedade. Por isso, a Praça da República ficou conhecida como “Praça das Caveiras”. Atualmente, ela é frequentada por moradores de rua e usuários de drogas, que aproveitam o vazio urbano, agravado pela iluminação fraca, falta de monitoramento e manutenção.

Além disso, a ausência de atrativos para os moradores e possíveis frequentadores do bairro faz com que a praça não seja utilizada pela comunidade, dificultando a criação de um sentimento de pertencimento. Isso abre espaço para usos inadequados e contribui para a deterioração do ambiente.

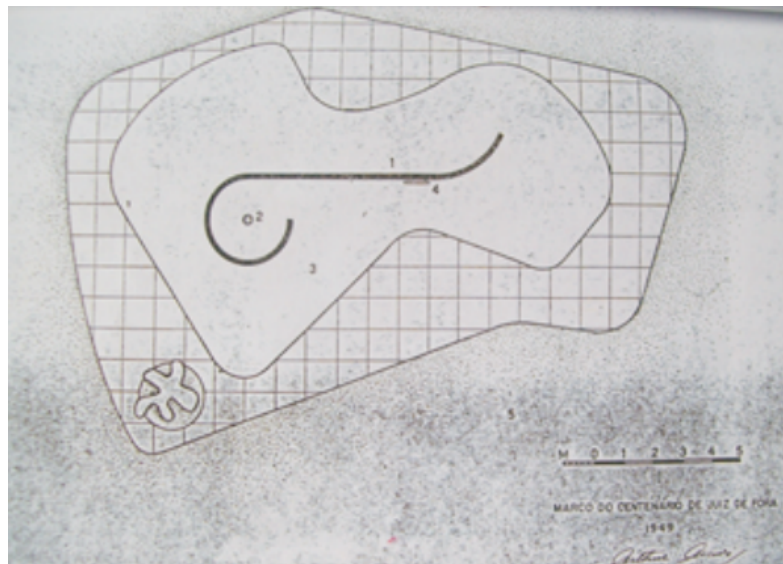
Imagem 27: Foto adaptada da praça e entorno do Google Earth



Legenda: Principais elementos formadores do contexto urbano da região do projeto: Rio Paraibuna (azul); linha férrea (vermelho); Rua Osório de Almeida (roxo); Praça da República (verde); Cemitério Municipal (cinza); Grupo Escolar Henrique Burnier (1929)(amarelo) - Acesso em 25/05/2024

6. Marco Centenário

Imagem 28: O Marco do Centenário em sua planta baixa original



Fonte: Processo Administrativo de Tombamento da Prefeitura de Juiz de Fora nº 1369/99 - Acesso em 25/05/2024

No centro da Praça da República, encontra-se o “Marco do Centenário”, um destaque na paisagem local. Esse monumento foi idealizado pelo arquiteto Arthur Arcuri em 1951 e é considerado o primeiro monumento abstrato em praça pública no Brasil. Na parte de trás, há um painel famoso de Di Cavalcanti, que retrata o trabalho e

a revolução, com três figuras humanas representando as três raças, puxando uma voluta, simbolizando a industrialização e a imigração em Juiz de Fora.

Além de preservar uma parte importante da história de Juiz de Fora, comemorando seu centenário, o monumento é uma referência da arquitetura modernista brasileira. Ele se destaca por ser pioneiro em praças públicas no Brasil e por usar vidrottil, um material inovador na época, lançado apenas quatro anos antes no país. Esse material deu vida à obra de arte de Di Cavalcanti.

Imagem 29: Painel em Vidrottil de Di Cavalcanti



Fonte: Arquivo pessoal Jorge Sanglard, disponível em <http://cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=4579>) - Acesso em 25/05/2024

A beleza desse projeto está na simplicidade de sua composição, que começa com uma parede curva que “nasce nas águas de um lago, que, por sua vez, é rodeado por um grande jardim, tudo planejado para criar uma harmonia perfeita.” Outros elementos que fazem parte desse cenário incluem uma haste de concreto armado que surge do centro da curva da parede, inserida em um espelho d'água com uma forma natural. Além disso, temos uma placa quadrada de mármore branco com bordas bem definidas sobre um revestimento de pastilhas cerâmicas azuis e um painel de pastilhas de vidro de Di Cavalcanti, que adorna a parede de pastilhas cerâmicas brancas na parte de trás.

Ao longo de sua trajetória, o Marco do Centenário passou momentos críticos, que culminaram em mobilizações populares e reformas que nem sempre fizeram jus à sua importância. Segundo Jorge Sanglard:

“Apesar de toda a importância histórica e do pioneirismo do mosaico e do Marco do Centenário de Juiz de Fora, o esquecimento, o descaso e o vandalismo prevaleciam até meados da década de 1990, quando uma série de reportagens no jornal mineiro Tribuna de Minas e em jornais nacionais despertou a comunidade para a degradação do monumento pioneiro do modernismo a céu aberto durante décadas de abandono. A partir daí, uma ampla mobilização permitiu o resgate da documentação da época da construção do Marco. Essa mobilização contribuiu para o movimento que possibilitou o tombamento municipal, em 23 de dezembro de 1996, a sua restauração, finalizada em 1º de julho de 1999, e o tombamento federal pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em ato assinado pelo então ministro da Cultura, Francisco Weffort, publicado em 16 de abril de 2001 no Diário Oficial, reconhecendo oficialmente o seu pioneirismo, meio século após sua inauguração.”

Este processo, infelizmente, não garantiu a preservação adequada do monumento. Para isso, é essencial que a população de Juiz de Fora se aproprie desse bem cultural tão importante artisticamente. Mas como esperar que as pessoas se aproximem de uma obra de arte que está em total degradação? E como criar uma conexão com um monumento que ninguém conhece?

Imagem 30: Marco Centenário e seu antigo espelho d'água



Fonte: <https://portaldoturismo.pjf.mg.gov.br/openDetalhes.php?btSelected=oquefazer&cod=35> - Acesso em 25/05/2024

A dificuldade de aproximação não é apenas física, mas também psicológica. A complexidade da obra e sua localização, que na época da construção fazia sentido por

estar próxima aos limites da cidade, hoje em dia já não se justifica. Além disso, como foi mencionado, estar em frente ao Cemitério Municipal, conhecido popularmente como Praça das Caveiras, não ajuda na apropriação do monumento. A área é vista como um local de passagem, o que só agrava o problema.

7. Considerações finais

Pode-se concluir, portanto, que os espaços públicos desempenham um papel fundamental na vida urbana, dando ênfase à Praça da República em Juiz de Fora. Este espaço não só possui um valor histórico significativo para a cidade, mas também é um patrimônio arquitetônico criado por renomados arquitetos. No entanto, é evidente que a praça é muito pouco reconhecida e valorizada pela população local.

O estudo realizado identificou diversas vantagens e desvantagens da Praça da República, fornecendo uma base sólida para intervenções futuras. O objetivo principal dessas intervenções será sempre melhorar a experiência dos frequentadores e dos moradores das áreas circunvizinhas. Além disso, haverá um esforço contínuo para criar atrativos que incentivem um maior número de pessoas a conhecer e frequentar a praça, promovendo assim um maior engajamento da comunidade com este importante espaço público.

Referências bibliográficas

ALEXANDRA, CARLA. **ESPAÇO PÚBLICO: AÇÃO POLÍTICA E PRÁTICAS DE APROPRIAÇÃO. CONCEITO E PROCEDÊNCIAS.** Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a02.html>>. Acesso em: 11 jun. 2024

ARCHDAILY. **“PROJETANDO PARQUES E PRAÇAS: 20 ESPAÇOS PÚBLICOS E SEUS DESENHOS”** 21 Nov. 2021. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/971398/projetando-parques-e-pracas-20-espacos-publicos-e-seus-desenhos>>. Acesso em: 11 jun. 2024

ARCHDAILY. **“PRAÇA DA SAUDADE / NATUREZA URBANA”** 2020. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/965431/praca-da-saudade-natureza-urbana?ad_source=search&ad_medium=projects_tab>. Acesso em: 11 jun. 2024

ALBERTO, FELYPE. **JUIZ DE FORA COMEMORA 173 ANOS E MONUMENTO DO CENTENÁRIO COMPLETA MAIS UM ANO DE ABANDONO.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2023/05/31/juiz-de-fora-comemora-173-anos-e-monumento-do-centenario-completa-mais-um-ano-de-abandono.ghtml>>. Acesso em: 11 jun. 2024.

ALBERTO, KLAUS CHAVES; SENRA, SILVIA; BERALDO, EDUARDA; RIBEIRO, ANNA PAULA; CASSANI, MARIA. **PRAÇAS DE JUIZ DE FORA CATÁLOGO DE ESPAÇOS PÚBLICOS, 2020.** Disponível em: <<https://www2.ufff.br/ambienteconstruido/wp-content/uploads/sites/152/2022/04/Virtus.Lab-Pra%C3%A7asJF2020-L-1.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2024.

BARTALINI, VLADMIR. **ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS NA CIDADE II: PARQUES** (1995). Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/000892829>>. Acesso em: 11 jun. 2024

CHATGPT ONLINE. **CHATGPT PORTUGUÊS. CHATGPT ONLINE**, 2024. Disponível em: <<https://chatgptonline.tech/pt/>>. Acesso em: 09 jun. 2024.

GEHL, JAN. **CIDADES PARA PESSOAS.** Tradução de Anita Di Marco. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. Acesso em: 10 jun. 2024.

GEHL, JAN. **LIFE BETWEEN BUILDINGS: USING PUBLIC SPACE.** Tradução de Jo Koch. Washington: Island Press, 2011. Acesso em: 10 jun. 2024.

LIMA, EVELYN FURQUIM WERNECK. **ARQUITETURA DO ESPETÁCULO: TEATROS E CINEMAS NA FORMAÇÃO DA PRAÇA TIRADENTES E DA CINELÂNDIA.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. Acesso em: 10 jun. 2024.

OLIVEIRA, MÔNICA RIBEIRO DE; VISCARDI, CLÁUDIA MARIA RIBEIRO. **VIVENDO**

A HISTÓRIA: NOVAS PESQUISAS, FGV (1 agosto 2011)

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **PRAÇA DA REPÚBLICA (MARCO DO CENTENÁRIO)**. Juiz de Fora, MG. Disponível em: <<https://www.jfminas.com.br/atrativos/marco-do-centenario>>. Acesso em: 11 jun. 2024.

RIBEIRO, RENAN. **DEMORA EM MANUTENÇÃO LEVA ASPECTO DE ABANDONO ÀS PRAÇAS DA CIDADE** (2018). Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/08-02-2018/demora-em-manutencao-leva-aspecto-de-abandono-as-pracas-da-cidade.html#goog_rewarded>. Acesso em: 11 jun. 2024

SORIANO, ANA GABRIELA WANDERLEY. **O ESPAÇO PÚBLICO E A CIDADE CONTEMPORÂNEA** (2006). Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8830/1/sorianoparte1.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2024

SOUZA, KETHELEN PAULINNE DE. **A RELAÇÃO PRAÇA-CEMITÉRIO EM JUIZ DE FORA**. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/16005/1/kethelenpaulinnedesouza.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2024.